

“SULEANDO” A HISTÓRIA DA AMÉRICA

Priscila Ribeiro Dorella¹
Tereza M. Spyer Dulci²

Este artigo é resultado de uma parceria de longa data. Nós nos conhecemos desde 2008, quando fizemos disciplinas juntas no Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). Desde então, participamos de algumas iniciativas em conjunto, com destaque para atuação na Diretoria da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), gestão 2020-2022.

As reflexões que apresentaremos nas páginas a seguir são fruto da apresentação que fizemos no “Primeiro Simpósio do Grupo de Estudos de História das Américas (GEHA)”, intitulado “História e Estudos Decoloniais/Anticoloniais em Abya Yala”, realizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), nos dias 3 e 4 de outubro de 2022.

Neste evento tivemos a oportunidade de compartilhar com os(as) presentes um pouco das nossas trajetórias, especialmente no que tange às experiências que vivenciamos nas nossas respectivas universidades: Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Assim, o objetivo aqui é apresentar, a partir das nossas trajetórias e de algumas experiências, certas inquietações sobre o tema do impacto da formação acadêmica em universidades “centrais” - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e USP - e sobre o trabalho na área de História da América nas universidades “periféricas” em que atuamos: UFV e UNILA.

Da UFMG a UFV (Priscila):

Realizei grande parte da minha formação acadêmica no Departamento de História da UFMG. Fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora do Mestrado Profissional em Patrimônio, Paisagens e Cidadania.

² Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Coordenadora da Especialização em Ensino de História e América Latina (EHAL) e professora dos seguintes programas de pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) e Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS).

(CNPq) no Projeto “Brasileira – Escritos e Leituras da Nação”, coordenado por Eliana Dutra, que me apresentou um campo amplo de estudos sobre a História Intelectual. A partir dessa experiência em que tive a chance de estudar sobre intelectuais brasileiros dos anos de 1930, fui desenvolvendo o interesse em pensar sobre como os intelectuais brasileiros compreendiam a América Latina. Três professores(as) foram fundamentais nesse processo. Cristina Campolina, que me fez ver a História da América de uma forma instigante, divertida e criativa, Antônio Mitre, que com sua inteligência e sensibilidade me fez admirar a história do pensamento intelectual e político latino-americano e Kátia Gerab Baggio, que me ensinou de forma atenta e crítica como realizar pesquisas na área da História da América. Segui sob a sua orientação no bacharelado (2003), mestrado (2004-2006) e doutorado (2008-2012).

Defendi a minha monografia de bacharelado sobre as visões de intelectuais da Coleção Brasileira em relação aos conflitos de fronteira do Brasil no século XIX. Nesse mesmo ano de 2003, passei no mestrado na linha de História e Culturas Políticas, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Trabalhei no mestrado sobre um intelectual esquecido, que foi precursor dos estudos hispano-americanos no Brasil, Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984).

Esse trabalho me ajudou a entender melhor os significados do reconhecimento intelectual, os desafios de pensar a América Latina no Brasil e os silêncios da história. Continuei no doutorado com a história intelectual, na mesma linha de História e Culturas Políticas, com o apoio do Cnpq. A diferença foi que optei por estudar não mais intelectuais esquecidos, mas sim um intelectual célebre, Octavio Paz, reconhecido com o Nobel de literatura. Encontrei nas polêmicas políticas do poeta um caminho para compreender parte da sua trajetória. Tive a oportunidade de fazer um estágio de doutorado na Universidade Autónoma de México (UNAM), em 2009, sob a orientação de Álvaro Matute. Entre 2008 e 2010, fiz disciplinas de doutorado na USP, o que me levou a criar um vínculo intelectual e afetivo, cada vez maior, com a ANPLHAC, fundada pelas professoras Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato. O resultado do meu trabalho de doutorado foi publicado pela editora Alameda, em 2013, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Prêmio Teses UFMG.

Paralelo a todos esses anos de formação, participei de congressos no Brasil e no exterior e lecionei como professora substituta na UFV, na UFMG e no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET). Em 2012, tomei posse como professora efetiva de História das Américas, no Departamento de História da UFV. Em 2017, tive o interesse de

conhecer melhor a história intelectual norte-americano porque passei a lecionar também História dos Estados Unidos. Optei por fazer o meu pós-doutorado sobre Susan Sontag em Berkeley, na Universidade da Califórnia, sob a supervisão de Richard Cándida Smith, que transita entre as histórias intelectuais e artísticas da América Latina e dos Estados Unidos. O seu livro *Improvised Continent: Pan Americanism and Cultural Exchange* (2017) é um bom exemplo nessa direção.

Desde então, venho atuando no ensino, pesquisa e extensão na UFV que tem o orgulho de poder enaltecer a sua história agrária construída por décadas com o apoio norte-americano. Encontrei, inicialmente, um desafio enorme de estabelecer interlocutores porque pensava sempre nas possibilidades dadas nos centros universitários hegemônicos do Brasil. Era como se a minha formação me levasse ao entendimento de que o que acontecia nas universidades periféricas não servia de material para pesquisa em História das Américas. Nem podia imaginar como o acesso à informação poderia mudar de forma tão vertiginosa como vem acontecendo nos últimos tempos.

Assim, comecei a achar absurdo todos esses pensamentos que tinha sobre centro/periferia e descobri na extensão uma forma de estar na universidade. As leituras de Paulo Freire, Fals Borda e Tim Ingold me ajudaram a ver a importância de estar na universidade, me tornando sensível às questões sociais e aberta aos processos dialógicos de produção de conhecimento.

Não vivi a extensão na minha graduação, para falar a verdade, nunca soube o que era e nem como podia atuar nela, apenas que era algo menor do que o ensino e a pesquisa. Essa última parte segue sendo vigente, pois a extensão universitária é o elemento mais desvalorizado da universidade pública. Mas esse foi o lugar mais interessante que descobri depois de muito tempo de universidade porque é um lugar de escuta sensível, de renunciar a certezas científicas, de aprender fazendo com os outros e de descobrir como podemos produzir conhecimento para vivermos em comunidade. Talvez se a pesquisa e o ensino tivessem radicalmente comprometidos com a sociedade, a extensão poderia deixar de existir, mas ela segue sendo fundamental para colocar em evidência a função pública da universidade.

Desse modo, realizei com os estudantes projetos de extensão no interior da Amazônia, contei e ouvi histórias sobre a América Latina em programas de música na rádio da universidade FM 100,7, interagi com as comunidades locais indígenas e quilombolas coordenando a Troca de Saberes da UFV, etc. Até que em 2020 veio a pandemia e o meu reencontro com a minha amiga Tereza Spyer me levou a uma profusão de novas experiências. Comecei a participar do

grupo interdisciplinar “Decolonizando a América Latina e os seus espaços”, fiz parte da diretoria da ANPHLAC, organizei dossiês sobre feminismos latino-americanos e iniciei uma série de leituras decoloniais que me fizeram compreender os limites do meu processo de formação e a necessidade, como diz Catherine Walsh, de aprender a desaprender para voltar a aprender de um modo *muy otro*. Sim, de um modo *muy otro*. Não temos como voltar a normalidade de histórias excludentes estando diante dos desafios políticos, sociais e ambientais do nosso tempo. Silvia Rivera Cusiquanqui foi muito importante nesse sentido:

Os temas retornam, mas as disjunções e saídas são diversas; retornar-se, mas não ao mesmo ponto. É como um movimento em espiral. A memória histórica se reativa e, ao mesmo tempo, se reelabora e se ressignifica nas crises e nos ciclos de rebelião posteriores. É evidente que, em uma situação colonial, o “não dito” é o que mais significa; as palavras encobrem mais do que revelam e a linguagem simbólica toma a cena. (CUSIQUANQUI, 2021, p. 19)

Embora não estejamos em uma “situação colonial”, é por meio do “não dito” que encontrei a história da América Latina na UFV. A história dita na instituição é a da influência de homens brancos, letrados e heterossexuais, que orientaram um sistema de autoridade vinculado ao poder econômico norte-americano. Um dos efeitos dessa história é que em vez de produzir uma ciência de ponta que sirva a comunidade no plural, produz uma ciência que se distancia de muitas redes locais de interlocução e de saberes tradicionais.

Pensemos sobre a história da América Latina na UFV. Desde a década de 1930, a instituição recebe um número expressivo de estudantes e professores(as) de diversos países da América Latina que atuaram e atuam, fundamentalmente, nas áreas de ciências agrárias e biológicas gerando transformações culturais, econômicas e sociais na cidade de Viçosa. De acordo com o Departamento de Relações Internacionais da universidade, a maioria dos(as) latino-americanos(as) vem nos últimos tempos da Colômbia e muitos deles(as) realizam pesquisas com bolsas do governo brasileiro e norte-americano. Alguns chegam com famílias. Apesar de terem se tornado o maior grupo de estrangeiros da instituição, o lugar que ocuparam e ocupam fica na sombra da importância destinada aos norte-americanos e europeus.

Basta observar as notícias já publicadas nos jornais do passado, e agora no site da UFV. Vale mencionar que é recorrente tanto na universidade quanto na cidade o entendimento de que o Brasil não faz parte da América Latina e que os hispano-americanos (colombianos, mexicanos, peruanos etc.) são mais ou menos a mesma coisa porque falam espanhol. Interessante é observar que a forma com que os(as) estudantes latino-americanos(as) são apresentados ocorre por meio de uma espécie de “feira de nações” em que muitos estereótipos

de diversos países são reafirmados e muitas nuances são difíceis de serem percebidas. Como afirma Rita Segato:

Nuestros países saben muy poco unos de otros e intercambian muy poco sus experiencias, excepto cuando son transmitidas por el gran mercado comprador de ideas, el Norte, o a través de representaciones autorizadas y oficiales de sus realidades, que, muchas veces, filtran las dinámicas conflictivas internas (SEGATO, 2021, p.?).

Com vistas a compreender melhor essas relações, surgiu o projeto de extensão “Latino Americanes como nós” (<https://projetoidentidades.wixsite.com/latinoamericanes>) elaborado com dez estudantes de graduação (Nicolle Lima, Mateus Rocha, Isabela Barçante, Cindy Guinsberg, Priyanka Dhingara, Virginnya Faltz, Maria Izabel Sousa, Davi Andrade, Mariana Tiso e Giovanna Martins) interessados(as) em refletir sobre trajetórias de vida; em pesquisar nos arquivos; em discutir uma bibliografia pertinente e em elaborar um conhecimento crítico em conjunto com os(as) latino-americanos(as) que sirva a comunidade de Viçosa.

Apoiados(as) em dados institucionais e histórias orais, o intuito foi construir uma exposição virtual em que o foco foi apresentar para o público outras narrativas possíveis sobre a América Latina em Viçosa; valorizar a trajetória científica e familiar dos(as) estudantes e professores(as); demonstrar que as identidades não estão vinculadas apenas as nacionalidades e construir esteticamente um arranjo capaz de diluir certos preconceitos e desconhecimentos sobre *Nuestra América* existentes na comunidade local.

Tu Dios es judío,
tu música es negra,
tu carro es japonés,
tu pizza es italiana,
tu gas es argelino,
tu café es brasileiro,
tu democracia es griega,
tus números son árabes,
tus letras son latinas.
Yo soy tu vecino.
y aún me llamas extranjero?
Eduardo Galeano,
El Cazador de Historias

Construímos uma exposição sobre a história da América Latina na UFV no contexto da pandemia da Covid-19. Não podíamos deixar de considerar que a América Latina sofreu fortes impactos causados pela pandemia. Tornou-se o epicentro da doença em 2020, atingindo a triste marca de milhões de vidas perdidas. A criação de uma exposição virtual foi uma iniciativa inovadora que buscou contribuir com a construção de um futuro plural, democrático e

participativo. A exposição virtual “LatinoAmericanes como nós” propõe um canal de interlocução com toda a comunidade para conhecer histórias e contribuir para modificar o jeito de ver a América Latina. Apresentamos programas de rádio, documentários, documentos de arquivos, manifestações artísticas, artigos, etc. Segundo o Museu da Pessoa, o contato com histórias de vida pode contribuir com o combate à intolerância ao modificar formas de pensar e agir. E esse trabalho mudou de alguma forma todos que se envolveram com o projeto. A estudante de História, Giovana Martins Silva, escreveu no site do projeto que:

A experiência que tenho vivido em nosso Projeto de Extensão, desde o grupo de estudos, neste momento em que temos que pensar em outras formas de interação e reinventar o contato com o outro, tem me levado constantemente a ressignificar os nossos instrumentos e os lugares. Lugares na nossa América Latina que se distanciam não só territorialmente, mas simbolicamente, e da mesma forma, se aproximam. Pensar na minha experiência no Projeto de Extensão me leva para diversos momentos, me lembra de diversos rostos, vozes, referências... E me voltar para isso me faz perceber que foram diversos os significados que eu atribuí ao projeto, foram diversas as minhas posições diante do grupo, foram diversas as sensações, e em meio a tudo isso eu posso ver o que aprendi com cada um de vocês, com os estudantes latino-americanes, e aprendi muito sobre mim também. Nosso projeto só faz sentido porque está sendo pensado com respeito a todos os integrantes e aos latino-americanes, porque todos, de maneiras distintas, estão enfrentando muitas barreiras. Barreiras muito difíceis ou impossíveis de serem transpostas, e nós, como historiadores e professores em formação, temos que refletir incansavelmente sobre estas barreiras e agir sobre elas. E é gratificante compor este projeto porque é isto que viemos e vimos tentando fazer!

Esta iniciativa abre uma janela para a História da América Latina na comunidade de Viçosa. Vamos seguir verificando o número de participantes e buscando desenvolver, ao longo do processo, estratégias para ampliar a participação pública, com o apoio do Departamento de História e do setor de informática da UFV. Com essas histórias compartilhadas percebemos que apesar das memórias e dos passados não seguirem necessariamente um caminho comum, observamos que os(as) estudantes de outros países da América Latina e as pessoas da cidade de Viçosa envolvidas no projeto se sentiram parte da mesma comunidade. O retorno mais interessante desse trabalho veio com o “Manifesto dos estudantes estrangeiros da América Latina”:

Manifestación de voluntad para la Creación de una Asociación de Estudiantes Latinoamericanos en Viçosa-Brasil AR BO CL CO EC PY PE UY VE GT

Nosotros, los estudiantes extranjeros de América Latina en Viçosa MG - Brasil, reconocemos el valor que tiene estudiar en la Universidad Federal de Viçosa y sabemos el papel transformador que esta experiencia académica tiene para nuestras vidas. Entendemos también que es una gran oportunidad estar aquí y que tuvimos que vencer muchas dificultades para lograrlo. Por tanto, afirmamos la importancia de que todos los que emprendimos este

proyecto de vida podamos terminarlo de forma satisfactoria y de que más estudiantes puedan tener esta oportunidad.

Los estudiantes latinoamericanos somos la mayoría (58%) del total de estudiantes extranjeros de la Universidad Federal de Viçosa (UFV). Según la Dirección de Relaciones Internacionales (DRI) de la UFV, para el año 2019 se reportó que existían 186 estudiantes latinoamericanos, siendo 104 colombianos, 23 peruanos, 8 mexicanos, 8 ecuatorianos, 6 chilenos, 6 bolivianos, 5 paraguayos, 5 costarricenses, 5 venezolanos, 4 argentinos, 3 panameños, 2 cubanos, 2 haitianos, 2 hondureños, 2 uruguayos y 1 nicaragüense. Nuestra llegada y permanencia en Viçosa implica un movimiento económico para la ciudad y un intercambio cultural que permite su internacionalización y la de la UFV.

Sin embargo, nuestra llegada y permanencia no siempre es fácil y exitosa. Algunos desafíos comunes deben ser enfrentados, tales como: encontrar un lugar para vivir, buscar recursos económicos cuando no se cuenta con una beca, resolver procedimientos burocráticos ante la UFV y de legalidad de la estadía en Brasil ante la Policía Federal, acceso a servicios de salud y asesoría jurídica en caso de violación a los derechos fundamentales, entre otros.

Existen también otras complicaciones que han perturbado el bienestar de algunos estudiantes, como la falta de información sobre la prestación de servicios de salud, apoyo emocional y psicológico y de asesoría jurídica en caso de violación a los derechos fundamentales, tales como abuso laboral o sexual. Frecuentemente estos desafíos no son compartidos y expuestos por los estudiantes afectados, colocando en riesgo su bienestar y permanencia en la UFV y en Brasil. Estas vicisitudes podrían ser aminoradas para los estudiantes extranjeros, por medio de la consolidación de una red de apoyo.

Por otro lado, nuestras experiencias también nos muestran la importancia y el gozo de estar juntos, de compartir momentos de diversión y triunfos, tanto académicos como personales. Varios han sido los eventos culturales, académicos, políticos, deportivos y fiestas organizadas por estudiantes latinoamericanos en Viçosa, en los cuales se ha contado con una gran participación de estudiantes, profesores y de la comunidad en general. Esto nos muestra que, aun dentro de nuestra diversidad compartimos elementos culturales que nos unen. Por eso consideramos que fortalecer de forma colectiva nuestras expresiones culturales, artísticas y sociales potencializa nuestra experiencia académica en la UFV.

Nosotros, los estudiantes extranjeros latinoamericanos, nos hemos organizado de forma espontánea y solidaria para solucionar algunas de las dificultades mencionadas, así como para satisfacer nuestras necesidades de expresión. Sin embargo, consideramos importante formalizar esta organización para buscar soluciones que atiendan a más estudiantes y que generen espacios para fortalecer el intercambio cultural. Para alcanzar este objetivo planteamos la creación de una Asociación de Estudiantes como forma de caminar para una solidaridad organizada.

Una asociación es “un grupo de personas con una finalidad común, que persigue la defensa de determinados intereses, sin tener el lucro como objetivo”, según [la ley no 10.406/2002, Art. 53, del Código Civil de Brasil](#). La construcción de una asociación permitirá dar un respaldo jurídico a nuestras acciones y requerimientos, captar y administrar recursos a través de la formulación de proyectos y tener una mayor representatividad ante la UFV. Proponemos que esta asociación podría comenzar trabajando en seis líneas de acción, o ejes temáticos, de acuerdo con las motivaciones expuestas: intercambio cultural, bienestar social y emocional, trámites burocráticos, acogimiento de nuevos estudiantes, asesoría jurídica e intercambios académicos.

Por las razones mencionadas, los estudiantes extranjeros latinoamericanos en Viçosa manifestamos de manera libre y consciente nuestra voluntad de asociarnos.

En Viçosa, MG, a los diez días del mes de febrero del año 2022, las siguientes personas que manifestaron su voluntad en asociarse:

Byron Javier Jimenez Fuentes
Cristian Mauricio Vega Cuichán
Deysy Yuliana Henao Montoya

Elizabeth Regina Alfaro Espinoza
Erika Tatiana Cifuentes Vargas
Fernando Ariel Colque
Giuliana Shelly Lizana Flores
Gloria Milena Rojas Plazas
Javier Hernán Falconí Heredia
Jose Jahir Morales Murillo
Juan Anderson Ruiz
Juan Sebastián Restrepo González
Lucas David Pedroza Camacho
Luis Gonzalo Salinas Jimenez
Nancy Aidé Cardona Casas
Naydu Shirley Rojas Higuera
Rodolfo Mauricio Castillo Velasquez
Roger Ivan Valderrama Londono

Desse modo, no contexto de pandemia, que exigiu de todos(as) uma dramática readaptação e a necessidade de repensarmos o lugar que ocupamos na sociedade, tivemos a ideia de pesquisar sobre as identidades latino-americanas em Viçosa com os(as) próprios(as) estudantes latino-americanos(as) no intuito de transformar a compreensão sobre a universidade, dando visibilidade a esse aspecto histórico deixado de lado na instituição e na cidade. Por fim, descobri com essa experiência um outro modo de fazer universidade que me permitiu (re)conhecer os outros (des)conhecidos em nós.



QR code da exposição - *Latinoamericanes como nós* - na UFV

Da USP à UNILA (Tereza):

Embora eu seja originalmente de Belo Horizonte e tenha estudado na UFMG (no colégio Centro Pedagógico e no Colégio Técnico), fiz minha formação acadêmica na USP, isto é, graduação, mestrado e doutorado em História (2011-2013). Na graduação tive a grata

oportunidade de ser bolsista do Programa de Educação Tutorial, PET-História USP, criado em 1995 por István Jancsó. Depois que o professor István faleceu, o tutor do programa foi Pedro Puntoni, da área de História do Brasil Colônia. Com Pedro tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre o Brasil Holandês e participei de muitas atividades de formação do PET que me marcaram muito, além de ter convivido com colegas que hoje são grandes amigos(as).

Já o mestrado e doutorado em História Social foi realizado na área de História da América, sob orientação de Maria Lígia Coelho Prado, ambos com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Nesse período, além de conviver com colegas da área de América, incluindo também orientandos(as) de Maria Helena Rolim Capelato, que hoje são amigos(as), tive a oportunidade de participar das edições da ANPHLAC e de outros eventos da área no Brasil e no exterior.

E embora estes anos uspianos tenham sido muito profícuos, de enorme aprendizado, minha formação acadêmica foi pautada pelos temas, teorias e metodologias mais “clássicas” do campo da História, particularmente de corte marxista. Uma exceção, que recorro como algo que teve um impacto grande, foram os estudos pós-coloniais e subalternos, introduzidos por Maria Lígia e Maria Helena, nos quais destacavam-se mais os elementos interseccionais, isto é, o cruzamento entre os recortes de classe, raça e gênero.

Mas as teorias, metodologias e epistemologias contra-hegemônicas só fizeram parte de fato da minha vida a partir do momento em que entrei na UNILA, em 2011. Vale destacar que estes 12 anos de UNILA têm sido maravilhosos, ainda que muito exaustivos, pois construir uma nova universidade é um empreendimento que exige um enorme comprometimento de todos(as). E aqui aproveito para sintetizar brevemente o contexto em que esta universidade foi criada.

Desde os anos 90, o Brasil tem intensificado a sua presença no continente, especialmente na América do Sul, através do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Este bloco regional procurou inicialmente integrar os países do Cone Sul e mais tarde incorporou outros países sul-americanos. Com o MERCOSUL, houve o aprofundamento das relações culturais entre os países membros, especialmente através da educação, a cargo do Setor Educativo do Mercosul (SEM), espaço de coordenação das políticas educativas dos países do bloco (DULCI; MALHEIROS, 2021). Este organismo formulou um projeto denominado Universidade do Mercosul que, embora tenha sido aprovado pelos países membros, não foi ratificado pelas suas respectivas legislaturas. Esta proposta foi finalmente levada a cabo pelo Brasil, que transformou a ideia original de uma universidade dos países do MERCOSUL no

projeto de uma universidade federal brasileira com vocação internacional, orientada para a integração dos países da América Latina (MARTINS, 2010).

Criada em 2010, a UNILA foi vista como um importante vetor de mudança do isolamento histórico do Brasil em relação aos demais países da região. Cumpre ressaltar que essa instituição é resultado da política externa do governo Lula (2003-2010), que procurou expandir a inserção internacional do Brasil através da cooperação e integração regional. A internacionalização do ensino superior foi uma das estratégias desta política, que defendia que o Brasil deveria ser um porta-voz dos interesses dos países em desenvolvimento, bem como atuar como promotor do desenvolvimento social em países com afinidades históricas e culturais com o Brasil, tais como os demais países da América Latina, do Caribe e de língua portuguesa (CARVALHO, ROSEVICS, 2013; DULCI, 2016).

Além disso, o processo de criação da UNILA foi praticamente concomitante com a fundação da União das Nações Sul-Americanas (UNASUR). Sob a perspectiva de “integrar para desenvolver”, a cooperação internacional através da educação tornou-se uma orientação estratégica da política externa brasileira. Esta instrumentalização da educação como estratégia de inserção internacional, diretamente relacionada com a expansão dos temas e atores da política externa brasileira, deu protagonismo ao Ministério da Educação. Assim, a UNILA, juntamente com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade da Integração Amazônica (UNIAM) e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), faz parte das chamadas universidades “temáticas” ou de “integração”, destinadas à integração regional, especialmente no marco da Cooperação Sul-Sul (DULCI, 2016).

Estas universidades foram concebidas sob os princípios da diplomacia de solidariedade, cooperação e integração, com vista a alianças estratégicas com países histórica e culturalmente próximos do Brasil. Os seus projetos institucionais, especialmente os da UNILA e da UNILAB, procuraram ultrapassar formas anteriores de cooperação internacional no domínio da educação, que funcionavam unilateralmente e a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Além disso, buscaram ser contra-hegemônicos, empenhados na integração regional para além do aspecto econômico, atribuindo um valor especial aos aspectos políticos, sociais e culturais (RIBEIRO, 2015; DULCI, 2016).

Um dos objetivos da UNILA é promover o desenvolvimento e a cooperação com base no conhecimento partilhado e na formação de pessoal qualificado para a região. Consistente com a política de expansão e internalização do ensino superior brasileiro, a universidade está

estrategicamente localizada em Foz do Iguaçu, na região da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai). Para além da posição geográfica, foram consideradas a formação histórica da cidade, o seu carácter multiétnico e a coexistência trinacional (COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DA UNILA, 2009).

O projeto da UNILA visava criar uma universidade nova e mais democrática, baseada em três pilares: valorização do bilinguismo, da interdisciplinaridade e do multiculturalismo. Ainda de acordo com o projeto original, 50% dos(as) estudantes e professores(as) deveriam ser do Brasil e 50% de outros países da América Latina. Os fundamentos teóricos dessa proposta basearam-se principalmente em epistemologias não eurocêtricas, tais como a teoria da dependência, a análise do sistema-mundo, o marxismo contemporâneo e os estudos pós-coloniais e decoloniais (COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DA UNILA, 2009; DULCI, 2016).

Este tecido intelectual, político e epistêmico é amplamente representado por pensadores(as) latino-americanos(as) e caribenhos(as), cujas obras influenciaram o projeto desta universidade, também destinada a combater as diferentes formas de dominação: cultural, linguística, científica, filosófica, política, econômica etc. Neste sentido, a UNILA foi constituída como um espaço privilegiado para a construção de conhecimento autônomo, coletivo, independente e com o aporte de epistemologias subalternas, para que, “a partir de baixo” e através da integração cultural e da cooperação solidária entre os países da região, pudesse combater a desigualdade e a opressão (COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DA UNILA, 2009; DULCI, 2016).

Um dos espaços institucionais que mais levou a frente esta proposta foi o Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), particularmente a partir da atuação dos(as) docentes(as) e discentes(as) da Linha de Pesquisa “Cultura, colonialidade/decolonialidade e movimentos sociais”. Esta linha busca “uma reflexão em torno da integração ‘desde abaixo’, no âmbito dos movimentos sociais, da cultura e da interculturalidade crítica e descolonial”. Além disso, um de seus preceitos é que:

(...) a perspectiva descolonial - como epistemologia em contínua construção - constitui uma proposta para compreender as relações de poder/domínio no espaço-tempo, a superação da matriz histórica-colonial de poder e a liberação dos sujeitos subalternizados por essa matriz, para uma efetiva integração (PPGICAL, 2022).

Vale destacar que no âmbito do PPGICAL foi criado o Grupo de Pesquisa “Descolonizando as Relações Internacionais”. Cumpre dizer que a literatura do campo das

relações internacionais é muito “nortecentrada”, uma vez que quase todos os(as) autores(as) *mainstream* são da Europa ou dos Estados Unidos. Por isso, este grupo de pesquisa procura “sulear” às Relações Internacionais. Além disso, importa ressaltar que a expressão “sulear” foi utilizada por Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* e simboliza uma virada em relação à palavra “nortear” (FREIRE, 2015). Ao utilizarmos a palavra “sulear” buscamos valorizar primeiro as epistemologias, ontologias e os conhecimentos locais, isto é, do nosso sul epistemológico.

Outra iniciativa que aprofundou as discussões acerca das propostas contra-hegemônicas oriundas da nossa região foram as atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “¡DALE! - Decolonizar a América Latina e seus Espaços”, criado em 2016 por Leo Name. Entre as várias atividades do ¡DALE! é importante enfatizar que o grupo ofereceu em 2019 o minicurso de extensão “Insurgências decoloniais: geopolítica do conhecimento para outros mundos possíveis”. O curso foi ofertado por mim e pelo meu colega Gabriel Cunha e teve versões anteriores na Universidade Federal da Bahia e na UFMG. Tratou-se de uma introdução ao chamado giro decolonial, literatura centrada na América Latina e no Caribe com vistas a uma epistemologia própria e emancipadora. Com base na crítica ao eurocentrismo das ciências sociais, conceitos centrais da decolonialidade foram debatidos, tais como: colonialidades do poder, do ver, territorial e de gênero, geopolítica do conhecimento e desobediência epistêmica.

Além disso, vale destacar que em 2020 o ¡DALE! organizou 2 edições do “Colóquio Virtual: Giro Decolonial” (<http://abre.ai/coloquio1> e <http://abre.ai/coloquio2>); editou o um número da revista Redobra “Edição Temática: Insurgências Decoloniais” (<http://www.redobra.ufba.br>) e editou 2 volumes da Revista Epistemologias do Sul (“Dossiê: Giro Decolonial – Partes 1 e 2”; http://bit.ly/giro_20191 e http://bit.ly/giro_20192). Por fim, em 2021 e 2022 o grupo também publicou na Revista Epistemologias do Sul 4 dossiês: “Corpos e sujeitos na/da modernidade”, “Cineclube Cinelatino” e “Feminismos latino-americanos, ativismos e insurgências – Parte 1 e 2” (<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul>).

Com relação às atividades de ensino, importa dizer que entrei na UNILA em 2011, quando realizei um concurso para professora visitante para “Fundamentos da América Latina”, uma área que reúne algumas disciplinas que fazem parte do Ciclo Comum de Estudos (CCE) e, em 2013, fiz um outro concurso para professora efetiva para a cadeira de “História das Relações Internacionais”, subárea do curso de Relações Internacionais e Integração.

Aqui gostaria de destacar minha experiência docente no CCE, que além das disciplinas de “Fundamentos da América Latina” têm matérias da área de “Línguas Adicionais” (português

e espanhol) e de “Epistemologia e Metodologia”. Acredito que o CCE é o núcleo formador latino-americanista da UNILA, pois foi planejado para todos os cursos de graduação da universidade e procura fornecer uma formação básica com o objetivo de democratizar o ensino superior, em oposição à estrutura clássica das instituições destinadas à formação das classes superiores, segmentadas e com pouco espaço para a inovação.

A atuação na área de “Fundamentos da América Latina” me permitiu não só aprofundar as pesquisas no campo dos estudos latino-americanos, como também na área de História da América, particularmente as investigações sobre América Central e Caribe, que não tinham sido eixos centrais durante a minha formação na USP. Além disso, foi muito rica a possibilidade de expandir a interdisciplinaridade, pois ministrei estas disciplinas em praticamente todos os cursos de graduação da UNILA (27 no total).

Já no âmbito da extensão, quero ressaltar aqui minha experiência como coordenadora do projeto de extensão *Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a Serem Decifradas*. O cineclube está ativo desde 2012 e se dedica a difundir produções audiovisuais (curtas e longas-metragens) de países da América Latina e do Caribe, sejam falados em português, espanhol ou francês (mais eventualmente, exibem-se produções europeias em língua latina).

Por meio das produções audiovisuais, o projeto procura promover a construção de um pensamento crítico-reflexivo a respeito dessa forma de arte e suas relações com temáticas pulsantes na nossa contemporaneidade. Igualmente, o *Cineclube Cinelatino* visa formar um público cineclubista e ampliar o conhecimento e o debate sobre o cinema produzido no mundo, com ênfase para as produções latino-americanas e caribenhas, historicamente marginalizadas pela cultura *mainstream*, em especial a hollywoodiana.

Procurando estimular a integração latino-americana e caribenha por meio do cinema, as sessões são organizadas e construídas em conjunto com a comunidade. Um dos objetivos centrais é estimular pessoas que não pertencem ao meio universitário, que ainda estão em fase de formação, a ter o hábito de frequentar exhibições audiovisuais fora do escopo do cinema hegemônico. Os(as) participantes são convidados(as) a conhecer a América Latina e o Caribe e algumas das principais questões que envolvem essa região por meio da compreensão das especificidades da linguagem cinematográfica produzida pela e na nossa região.

Por fim, é importante ressaltar que o *Cineclube Cinelatino* apresenta uma abordagem intercultural e interdisciplinar, pois busca promover sessões de filmes seguidos de debates com convidados(as) de diversas origens e nacionalidades. Geralmente, os(as) debatedores(as) de cada sessão são uma combinação entre discentes, docentes, técnicos(as) da universidade e

membros da comunidade externa. Já na pandemia, com as exibições remotas, isso foi alterado e contamos naquela ocasião (2020-2021) também com debatedores(as) das equipes técnicas das produções e debatedores(as) de outras universidades e países.

Desse modo, ao término de cada sessão do *Cineclubes Cinelatino*, ocorrem discussões com o público presente mediadas pelo conjunto de debatedores(as). E essas discussões posteriormente geraram duas publicações: o livro *Cinelatino: imagens da América Latina a serem decifradas* <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/cinelatino> publicado pela editora da Unila (Edunila) e o *Dossiê Cinelatino*, publicado na Revista Epistemologias do Sul (<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul>).

Referências

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante. 2016.

CARVALHO, G.; ROSEVICS, L. “A política externa do governo Lula para a América do Sul: Unasul e Unila”. In: SARTI, I.; LESSA, M.; PERROTA, D.; CARVALHO, G. (org.). **Por uma integração ampliada da América do Sul no século XXI**. Rio de Janeiro: Perse, 2013. (volume 1), p. 225-240.

COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DA UNILA. **UNILA em construção: um projeto universitário para a América Latina**. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

CUSIQUANQUI, S. **CHIXINAKAX VTXIWA**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: N-1, 2021.

DULCI, T. “La integración cultural latinoamericana como proyecto brasileño. La experiencia de la UNILA”. In: Liliana Weinberg. (Org.). **Historia Comparada de las Américas**. Perspectivas de la integración cultural. 1 ed. Cidade do México: Centro de Investigaciones sobre América Latina y Caribe, 2016, v., p. 413-436.

DULCI, T.; NAME, L. (Org.). **Cinelatino: imagens da América Latina a serem decifradas**. 1. ed. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

DULCI, T.; FER, E; VITAL. Dossiê Cinelatino. **Revista Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia, v. 4, 2020.

DULCI, T.; MALHEIROS, M. As políticas de educação dentro do regionalismo pós-hegemônico mercosulino: uma análise a partir dos documentos das Cúpulas Sociais do Mercosul e do Plano Estratégico de Ação Social. **Cadernos PROLAM/USP** (Online), v. 20, p. 127-148, 2021.

DULCI, T.; ORTIZ, C.; MALHEIROS, M. Existências e resistências: feminismos latino-americanos (editorial). **Revista Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/para/desde América Latina, Caribe, África e Ásia, v. 5, p. 10-19, 2021.

FALS-BORDA, O. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y CLACSO, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MARTINS, J. “Unila: uma Universidade Federal brasileira para América Latina”. **Revista Ponto e Vírgula**, São Paulo, n.7, p. 224-243, 2010.

NAME, L.; DULCI, T.; CUNHA, G; BRITTO, M.; OLIVEIRA, A. Insurgências decoloniais: geopolítica do conhecimento para outros mundos possíveis. **REDOBRA**, v. 6, p. 318-335, 2020.

NAME, L.; DULCI, T.; CUNHA, G. Editorial do Dossiê: Corpos e sujeitos na/da modernidade. **Revista Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia**, v. 4, p. 12-19, 2020.

NAME, L.; DULCI, T.; CUNHA, G. Apresentação do Dossiê Giro Decolonial Parte 1: Artes visuais, arquiteturas e alteridades. **Revista Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia**, v. 3, p. 11-19, 2019.

NAME, L.; DULCI, T.; CUNHA, G. Apresentação do Dossiê Giro Decolonial Parte 2: Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento. **Revista Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia**, v. 3, p. 11-19, 2019.

PPGICAL. **Linhas de Pesquisa**, 2022. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/mestrado/ical/sobre-o-programa/linhas-de-pesquisa>.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 117-142.

RIBEIRO, F. “UNILA e UNILAB: Uma abordagem sobre o processo de integração internacional do ensino superior a partir das universidades federais no Brasil”. In: **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (1), p. 63 – 71, outubro. 2015.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

TROUILLOT, M. R. **Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História**. Curitiba: Huya, 2016.